

Página Inicial

Agenda de Eventos

Especial - Acordo Ortográfico

Artigos

Artigos de IC

Blog

Reflexões sobre o ensino de línguas

Resenhas

Textos Literários

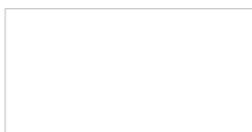
Edições Anteriores

Junte-se a nossa lista de e-mails!

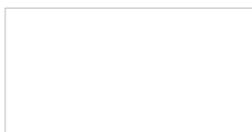
Email Address

Subscribe

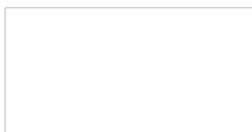
Veja também:



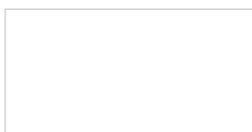
Instituto Matoso Câmara



Biblioteca Digital Mundial



Blog do Co-editor Joel Sossai Coleti



Ceditec

O LUGAR DE OCUPAÇÃO DO SUJEITO NO ESPAÇO ENUNCIATIVO DO GÊNERO HORÓSCOPO

Ana Clara Gonçalves Alves de Meira^[1]

Arlete Ribeiro Nepomuceno^[2]

INTRODUÇÃO

Se analisarmos as definições de sujeito presentes nas gramáticas tradicionais, deparar-nos-emos com conceitos não muito bem definidos, tais como:

“Sujeito é o termo da oração que denota a pessoa ou coisa de que afirmamos ou negamos, uma ação, estado ou qualidade” (BECHARA, 1968, p. 247); “O sujeito é o ser de quem se diz algo” (ROCHA LIMA 1968, p. 226); “O sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração” (CUNHA, 1971, p. 87).

Assim é que, neste trabalho, pretendemos ir além de tais definições a partir de conceitos como memória, virtual, atual, real, dos estudos de Dias (2002), bem como de outros estudiosos. Num primeiro momento, explanaremos sobre esses conceitos ancorados nos trabalhos de Guimarães (1996), Deleuze (2006), Dias (2002, 2008 e no prelo) e Pereira (2008). Num segundo momento, após um breve resgate teórico, analisaremos qualitativamente o nosso *corpus* formado por quatro textos do gênero horóscopo.

A escolha desse gênero se justifica por ele ser de fácil acesso, comum ao uso diário e por pretendemos analisar não só os tipos de sujeito^[3] mais frequentes em horóscopo, mas também a relação entre os sujeitos apresentados e o gênero em questão.

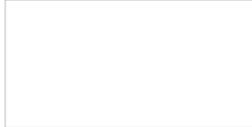
Acreditando que há vários pontos positivos ao se pensar num estudo da sintaxe que leve em conta o fato de a enunciação se realizar por meio da atualidade e da memória, nortearíamos este trabalho priorizando semelhantes aspectos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sabendo-se que não há como reduzir o estudo da língua à forma nem considerá-la como um conjunto de enunciados, acreditamos que se torna importante levar em conta aspectos como memória. Para isso, utilizaremos os trabalhos de Guimarães (1996). Nesse ponto, ele afirma: “para mim a enunciação é o lugar de funcionamento da língua movimentada pelo interdiscurso, pela memória do dizer. A língua aparece, assim, como exposta ao inter-discurso, isto é, a língua está exposta a uma memória dizível” (GUIMARÃES, 1996, p. 27).

Assim sendo, pensar a língua com relação à sua memória é, ao mesmo tempo, buscar uma semântica que não se limite a um conjunto de traços semânticos dados como pré-concebidos. Então, como definiríamos essa memória? Segundo Guimarães (1996, p. 32):

A memória da língua é uma memória latente, pois para significar precisa confrontar-se sempre com a memória discursiva e o presente dos acontecimentos. E assim, por ser latente, pode sempre ser outra coisa, para isso



Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



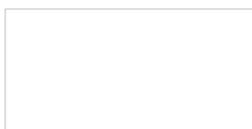
Dicionário de Termos Lingüísticos



Domínio Público



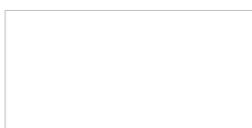
GEScom



GETerm



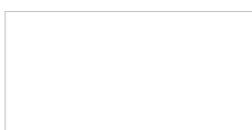
iLteC



Institut Ferdinand de Saussure



Letr[a]s.etc.br



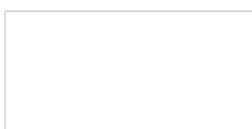
Portal da Língua Portuguesa



Portal de Periódicos Capes



Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!

bastando que outras enunciações a façam derivar, mesmo que imperceptivelmente. Deste modo uma forma na língua não é a soma de seus diversos passados, nem deriva de um étimo, nem algo em si: senão uma latência à espera do acontecimento enunciativo, onde o presente e o interdiscurso a fazem significar.

Depois de introduzirmos o conceito de memória, tomando como âncora os trabalhos de Guimarães (1996), retomaremos alguns conceitos importantes que nos ajudarão a entender o que será discutido posteriormente: estado de *finitude* e *infinitude* e tipos de sujeito. Tais conceitos são: virtual, atual, real e possível. Para defini-los, valemo-nos dos trabalhos de Deleuze (2006).

Se procurarmos no dicionário a definição de virtual, encontraremos: “existente apenas em potência ou como faculdade, não como realidade ou efeito real” (HOUAISS, 2008, p. 500). Por termos essa definição em mente, entendemos o virtual como aquilo que se opõe ao real. Entretanto, nas explicações de Deleuze (2006), percebemos que o virtual não se distingue do real, mas do atual. Então, como poderíamos explicar o virtual? Poderíamos caracterizá-lo por possuir uma existência própria e definida. Assim, de modo simplificado, é possível dizer que o virtual existe do mesmo modo que o real com a diferença de que ele só se manifesta como ato de criação ao ser atualizado. Desse modo, “o virtual deve ser definido como uma parte própria do objeto real – como se o objeto tivesse uma de suas partes no virtual e aí mergulhasse como numa dimensão objetiva” (DELEUZE, 2006, p. 294).

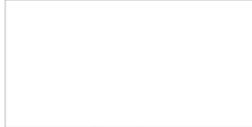
Acreditamos que uma maneira simplificada para entendermos tais conceitos seria imaginarmos uma fotografia na qual aparecesse uma imagem de uma garota no Jardim Botânico em Curitiba, por exemplo. Aqueles que observarem a imagem, se possuírem algum conhecimento sobre o Jardim Botânico, conseguirão identificar nela o lugar em que a garota se encontra. Nesse sentido, na fotografia, tanto vemos a imagem da garota quanto do parque. Inserindo nessa cena os conceitos de real, virtual e atual, notamos que o real seria a imagem em si: uma garota no Jardim Botânico. Em contrapartida, o virtual teria uma gama de possibilidades. Nessa perspectiva, para a “garota da foto”, olhar aquela cena não remeteria simplesmente à sua imagem em um parque, mas também poderia evocar as recordações dos momentos vivenciados naquele dia. Por outro lado, para outra pessoa que visse a foto, mas não conhecesse a garota e admirasse o Jardim Botânico, o virtual se concentraria em colocar como mais importante naquela cena o parque, sem dar muita atenção à presença física da garota. E, no momento em que se olha a fotografia, o virtual pode ser atualizado. Nesse viés, a garota da cena pode, por exemplo, ao lembrar os momentos da foto, revivê-los fazendo com que o virtual se configure em atual.

Outra questão importante que Deleuze (2006) ressalta é para não confundirmos o virtual com o possível. Nesse contexto, afirma: “o processo do possível é, pois, uma ‘realização’. O virtual, ao contrário, não se opõe ao real; possui plena realidade” (DELEUZE, 2006, p. 298). Ademais, acrescenta que “o virtual é característica da Idéia; é a partir de sua realidade que a existência é produzida, e produzida em conformidade com um tempo e um espaço imanente à Idéia” (DELEUZE, 2006, p. 298).

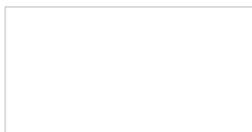
Seguindo esse raciocínio, entendemos que o possível como realização de um conceito estaria relacionado a uma semelhança com o real e esta é “a tara do possível, tara que o denuncia como produzido posteriormente, fabricado retroativamente, feito à imagem daquilo a que ele se assemelha. A atualização do virtual, ao contrário, sempre se faz por diferença, divergência ou diferenciação” (DELEUZE, 2006, p. 298). Logo, podemos inferir que o possível está relacionado à ideia de tornar-se real. Em contrapartida, virtual e atual já fazem parte do real, sendo o atual a realidade em ato.

Antes de mencionarmos como Dias (no prelo) conceitua sujeito, retomaremos alguns conceitos como estado de *finitude* e *infinitude*. Em linhas gerais, é possível dizer que o estado de *finitude* pode, também, ser encontrado em verbos classificados pela Gramática Tradicional (doravante GT) como *infinitivo sem flexão*. Nessa medida, para Dias (no prelo), os verbos que se apresentarem no infinitivo como *Comprar*, *Beber*^[4], etc. poderão permanecer *formalmente* no infinitivo, mas serem flexionados. Alguns exemplos apontados pela GT como infinitivo não flexionado seriam considerados por Dias (no prelo) como flexionados, estando, portanto, no estado de finitude. Como exemplo, Pereira e Dias (2008) citam: *Comprar no Carrefour é barato*, em que, apesar de não termos nenhum morfema número-pessoal explícito, podemos nos referir a um (você), ou seja, (Você) comprar no Carrefour é barato. Nesse caso, o verbo se apresenta no infinitivo, mas está flexionado, isto é, encontra-se no estado de *finitude*, nos termos de Dias (2002). Desse modo, o estado de finitude se caracteriza por o verbo estar flexionado, ressaltando que a flexão não se restringe à presença de um sufixo número-pessoal. Para Dias, a flexão ocorre com a ocupação do lugar do sujeito.

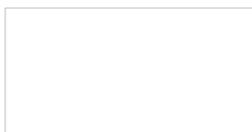
Já no estado de infinitude, não há flexão, e, conseqüentemente, não ocorre a



Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL

ocupação do lugar do sujeito. São casos de verbo na forma infinitiva mais oração com verbo copulativo^[5]. Exemplo: Prometer é um desejo de cumprir (PEREIRA E DIAS, 2008, p. 37). Os outros dois casos são: verbo em estado de dicionário e como menção. Ex: **Entrar** (verbo intransitivo): 1. Passar de fora para dentro (PEREIRA E DIAS, 2008, p. 38). O exemplo de menção seria: “**Entrar**” caracteriza-se como um verbo de primeira conjugação (PEREIRA E DIAS, 2008, p. 38). Entendemos, então, que, para Dias e Pereira (2008), podemos demonstrar que verbos no infinitivo podem ou não sofrer flexão e, caso se flexionem, entram no estado de *finitude*. O estado de *finitude* é caracterizado, portanto, pela flexão verbal que significa a ocupação do lugar do sujeito. Eis a pertinência do que diz Dias e Pereira (2008):

‘infinitivo sem flexão’ são, como se viu, flexionadas. A oposição ‘verbo no estado finito’ e ‘verbo no estado infinito’ difere da oposição ‘infinitivo flexionado’ e ‘infinitivo sem flexão’ ainda, pois realmente distingue os dois estados, não dando margem à incoerência da terminologia ‘infinitivo sem flexão’. Sendo assim, se o verbo está flexionado, ele não está em estado infinito (p. 48).

Vale assinalar que esses conceitos foram apenas esboçados, objetivando mostrar a necessidade da existência de um GN^[6] sujeito, o qual é responsável por essa predicção para que o verbo seja flexionado. Assim sendo, o verbo só se flexiona porque há um GN sujeito anterior a ele que o aciona. Nesse caso, a instalação do predicado e, por conseguinte, de uma unidade mínima da sentença é devido ao GN sujeito, o que nos permite afirmar que “o lugar do GN sujeito se constitui nessa anterioridade de predicção”^[7] (DIAS, 2009, p.10). Logo, o sujeito, para Dias (2009), seria estabelecido como responsável por retirar o verbo do seu estado de *infinitude*. Portanto, todos os enunciados no estado de *finitude* teriam a ocupação do lugar do sujeito. Nesse contexto, valendo-nos das palavras de Dias: “reafirmamos a nossa hipótese segundo a qual, havendo verbo em estado finito, ocorre aí o acionamento do verbo pela instalação do sujeito” (DIAS, 2009, p.11).

Assim é que, na contramão da gramática tradicional, partiremos da concepção de que a projeção do lugar do sujeito é da ordem enunciativa, não dependendo, pois, de uma projeção do verbo. Tal concepção encontra-se fundada na anterioridade de predicção.

Segundo Pereira (2008, p. 100), o lugar de sujeito possui uma força de anterioridade. Tal fato leva-nos a buscar a anterioridade na textualidade ou na enunciação, o que justifica mencionarmos a presença de uma flexão verbal. Pensando assim, a anterioridade se constitui como o ponto de partida para o acionamento do verbo, sendo o sujeito atualizado de diversas formas, as quais são capazes de retirar o verbo do seu estado de *infinitude*.

Vejamos, a seguir, os tipos de sujeito apresentados por Dias (2002): base, suporte, projeção e perfil^[8]. No sujeito base, o lugar sintático é ocupado por um GN ao qual se pode atribuir diferentes graus de definitude. Assim, se tivermos lugares de sujeito ocupados por GNs como: *Maria; a menina ou uma menina*, teremos exemplos de sujeito base, nos quais essa definitude pode variar “de acordo com a abrangência que eles contraem com o campo da memória” (PEREIRA, 2008, p.89). Exemplos de sujeito base:^[9]

[...] A qualidade de seus dias será diretamente proporcional à capacidade [...] (Signo Áries);

[...] O isolamento ou a teimosia seria um grande erro. (Signo Áries)

Quanto ao sujeito suporte, podemos defini-lo como sendo “formado por um dêitico. O dêitico funciona como uma âncora que se aporta, seja na pessoa constituída como perspectiva da enunciação, seja num campo de orientação temática (texto)” (PEREIRA, 2008, p. 94). Assim, podemos citar:

a) Alargue a sua visão de mundo e a sua experiência (Signo Gêmeos).

Nesse caso, estando o verbo no imperativo, a ancoragem do lugar sujeito se dá através desse modo verbal que remete ao interlocutor como segunda pessoa do discurso, ou seja, a um “você”.

Já os sujeitos suportes expressos por pronomes demonstrativos como: isto, este, aquilo, etc. entram no caso de encapsulamento anafórico. Pereira (2008) assevera que o encapsulamento anafórico pode ter pelo menos quatro subdivisões, das quais não falaremos esmiuçadamente. Contudo, vale explicitar o conceito de encapsulamento anafórico que não só pode ser determinado como um GN encapsulador, como também por

uma categoria vazia que resgata informações disponíveis no texto, mesmo que não estejam explícitas.

b) Começa um período de decisões mais seguras na sua vida, e isto será fundamental. (Signo de Capricórnio)

Desse modo, o sujeito do exemplo b), classificado como do tipo suporte, seria um caso de encapsulamento anafórico, em que há “retomada a partir de um pronome, que pode ter ancoragem em um SN encapsulador explícito ou em um SN reconstruído teoricamente” (PEREIRA, 2008, p. 91).

c) Você poderá contar com o apoio das pessoas no que precisar. (Signo de Capricórnio)

É interessante observar que, quando o sujeito do tipo suporte é representado por pronomes como *eu*, *você*, *nós*, ele pode se ancorar de modo mais específico, como, por exemplo: Mateus, você deve ir à escola. Nesse caso, *você* se refere pontualmente a Mateus. Entretanto, no exemplo c), demonstramos uma abordagem mais genérica, em que *you* está destinado a todos aqueles que são do signo de Capricórnio.

Enfatizamos que “nem sempre será possível delimitar ou especificar pontualmente, muito menos, materialmente, o espaço de ancoragem dos dêiticos nos sujeitos do tipo suporte” (PEREIRA, 2008, p. 95).

A respeito do sujeito projeção, podemos dizer que

o sintagma base é formado por palavras que também não aceitam determinação. Trata-se de palavras como “alguém”, “ninguém”, “todos”, “quem” classificados pela Gramática Tradicional como pronomes indefinidos, e, em algumas situações, como pronomes interrogativos (DIAS, 2002, p.58).

Enquadram-se também nos casos de projeção aqueles considerados como sujeito indeterminado e classificados como voz passiva sintética pelas GTs. Assim, teríamos como exemplos^[10] de projeção:

- a) Alguém fez o trabalho;
- b) Compraram as balas;
- c) Vendem-se casas.

Quanto ao sujeito perfil, geralmente, apresenta expressões como “aquele que”, “todo aquele que” e “quem” e caracteriza-se por uma enunciação generalizadora. Por essa via, quem “se adequar a este perfil estará se ajustando a uma verdade condensada nos próprios domínios do corpo textual no qual se insere a sentença” (DIAS, 2002, p.60). É comum encontrarmos esse tipo de sujeito em sentenças proverbiais, o que se justifica pelo fato de o sujeito perfil transmitir um caráter de universalidade que também é peculiar aos provérbios. Exemplo: *Quem desdenha, quer comprar*.

ANÁLISE DO CORPUS

Como decidimos trabalhar com o gênero horóscopo, esboçaremos algumas das suas características. Podemos dizer que “o horóscopo, como parte de uma ciência mística – a Astrologia –, se destina a orientar pessoas, em seus sentimentos e comportamentos, tendo como base a posição dos astros” (PIRES, 2010, p.3). Todavia, essa informação de caráter místico que determinaria os papéis do horóscopo, tem dado lugar a uma linguagem que se assemelha ao gênero autoajuda. Destacamos essa semelhança com o gênero autoajuda, pois, analisando alguns horóscopos de vários dias da semana, percebemos como é grande a presença de verbos no imperativo que designam um incentivo ao leitor a pensar positivo, acreditar em seus potenciais, etc. Desse modo, é comum nos depararmos com verbos como *Valorizar* (encontrado no imperativo, Valorize). De mais a mais, percebemos também que a presença dos verbos no imperativo, incitando o leitor a praticar uma determinada ação, instiga-o a uma tomada de atitude. Assim, notamos verbos como: Alargue sua visão de mundo [...] (Signo Gêmeos); Coloque tudo em ordem nos dias [...] (Signo Capricórnio). Acreditamos que, como os horóscopos têm apresentado uma

linguagem que em muito se assemelha aos textos de autoajuda, a hipótese acolhida é a de que, em tais textos, encontraríamos uma grande quantidade de verbos no imperativo e uma presença relevante do pronome *você* pelo fato de esse tipo de gênero se direcionar àquele que lê sobre seu signo, seja ele do signo de gêmeos, seja áries, seja de touro, etc.

Para analisarmos a hipótese aventada, optamos por um *corpus* pequeno, já que os textos desse gênero não demonstram diferenças significativas, mas sim uma certa homogeneidade. O nosso *corpus* é composto por quatro textos dos seguintes signos: áries, touro, gêmeos e capricórnio, os quais foram escolhidos de forma aleatória.

No quadro que se segue, apresentaremos os tipos de sujeitos encontrados em nosso *corpus*, tendo como base a classificação de Dias (2002) [11].

| Tipos de Sujeito | Base | Suporte | Projeção |
|------------------|--|--|---|
| 1- | [...] <u>A qualidade dos seus dias</u> será diretamente proporcional [...]. (Signo Áries). | [...] à capacidade de <u>entrar</u> em sintonia. (Signo Áries) Observação: Podemos pensar em um “você”. (Você) entrar em sintonia. | [...] deixando tudo resolvido [...]. (Signo Touro) Observação: Classificamos como projeção por ser possível pensarmos em um “se”: <i>deixando-se tudo resolvido</i> , o que nos levaria a uma classificação de uma passiva sintética pela GT. Seria, então, u m a projeção por o sujeito ter uma identidade projetada, mas não lexicalmente realizada. |
| 2- | <u>O isolamento ou a teimosia</u> seria um grande erro. (Signo Áries). | [...] de modo a <u>conquistar</u> uma m a i o r integração nos ambientes. (Signo Áries) Observação: A classificação segue a mesma linha de pensamento do exemplo 1. | [...] Favorecendo inclusive as viagens. (Signo Gêmeos) Observação: Explicação semelhante à do item 1 do sujeito projeção. |
| 3- | [...] <u>o Carnaval</u> chegar. (Signo Touro) | [...] <u>você</u> interage [...]. (Signo Áries) | |
| 4- | Começa agora <u>uma fase de franca ampliação</u> . (Signo Touro) | <u>Alargue</u> a sua visão de mundo [...]. (Signo Gêmeos) | |
| 5- | <u>Mercúrio</u> , o regente do seu signo, encontra-se em u m a posição [...]. (Signo Gêmeos) | <u>Preparando-se</u> [...] Observação: A anterioridade de predicação remete a um você. (Signo Gêmeos) | |
| 6- | C o m e ç a <u>um período de decisões</u> [. . .] . (Signo Capricórnio) | [...] para conquistar o futuro. (Signo Gêmeos) Observação: Explicação semelhante à 5). | |
| 7- | | [. . .] <u>Isto</u> será fundamental [...]. (Signo Capricórnio) | |
| 8- | | <u>Você</u> poderá contar [...]. (Signo Capricórnio) | |

Notamos que, conforme esperávamos, encontramos mais casos de sujeitos suporte.

Tal fato pode ser explicado pelos aspectos já anteriormente levantados: semelhança com o gênero autoajuda, o que leva ao uso constante de verbos no imperativo e ao direcionamento do leitor com o uso do pronome “você”. Devemos ressaltar, também, a presença significativa do sujeito tipo base. Acreditamos que isso se deve ao fato de o horóscopo possuir um papel de aconselhar, de apontar caminhos. Logo, ao propor atitudes que o leitor deve tomar diante de determinadas situações, explícita, por meio de GNs sujeitos, o que deve ou não ser seguido. Exemplo: O isolamento ou a teimosia seria um grande erro. Ressaltamos, porém, que o motivo apontado não justifica todas as ocorrências de sujeitos base, mas acreditamos que esse possa ser uma explicação plausível.

O não aparecimento do tipo perfil deve-se ao fato de que, apesar de o horóscopo possuir uma característica generalizante, pois o texto é destinado a todas as pessoas de um signo, não há um aspecto universal – o conteúdo textual não é destinado a todos, mas exclusivamente às pessoas de um signo específico.

-

CONCLUSÃO

Diante do exposto, em consonância com os estudos de Dias (2002), percebemos que, no espaço da enunciação, o sujeito está relacionado a uma anterioridade da predicação, ou seja, só haverá flexão se houver sujeito e, conseqüentemente, se o verbo se apresentar no estado de finitude, permitindo-nos pensar que noções como infinitivo com flexão ou sem flexão presentes na GT são lacunares. Além disso, quando se entende que o verbo só foi flexionado porque há antes dele a ocupação do lugar do sujeito, casos como oração sem sujeito presentes nas GTs passam a ser questionados.

Analisando os quatro textos do gênero horóscopo, percebemos, ainda, a presença significativa do sujeito suporte, o que nos leva a concluir que os gêneros influenciam na ocupação do lugar do sujeito. Por essa via, de acordo com o gênero utilizado, o sujeito pode se atualizar de formas diversas para atender às diferentes situações comunicativas.

Por fim, entendemos que a língua não pode ser vista como um conjunto de enunciados, mas inserida em uma memória que se constitui em uma *latência* entre um passado e um presente. Nessa perspectiva, mencionamos as palavras de Guimarães (1996, p.27):

Pode-se dizer, então, que as formas da língua são o que são pela história de suas enunciações. Uma forma é na língua o que se tornou pela história de seus funcionamentos na enunciação. Deste modo, deve-se considerar que a língua tem em si a memória desta história, ou seja, a língua carrega na sua estrutura as marcas de seu passado. O que uma forma é, em certo momento, tem a marca de como ela funcionou nas enunciações em que a língua se pôs a funcionar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ACHARD, P. *et. al.* NUNES, J. H. (trad.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 13. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Belo Horizonte: Bernardo Alvares, 1971.

DIAS, L. F. Fundamentos do sujeito gramatical: uma perspectiva da enunciação. In: ZANDWAIS, A. (org.). *Ensaíos: relações entre pragmática e enunciação*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002, p. 47-63.

DIAS, L. F. Enunciação e regularidade sintática. *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas, n. 50, v. 2, p. 1-25, (no prelo).

DELEUZE, G; ORLANDI, L; MACHADO, R (trad.). *Diferença e Repetição*. 2. ed. São Paulo: Graal, 2006.

GUIMARÃES, E. Enunciação, língua, memória. *Revista da Anpoll*, n. 2, p.27-33,1996.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia, 1968.

PEREIRA, B. K.; DIAS, L. F. Do estado infinito ao estado finito do verbo: os limites enunciativos da unidade sentencial. *Línguas e instrumentos lingüísticos*. Campinas, n. 21, p. 33-51, 2008.

PEREIRA, B. K. *A convergência do sujeito e objeto direto*: por uma sintaxe de bases enunciativas. 2008. Dissertação de mestrado em lingüística – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais: Belo Horizonte.

PIRES, G.S. *O que os astros dizem?* Uma análise sobre os aspectos estruturais e funcionais do gênero horóscopo em um jornal britânico. Disponível em: <http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index/unec03/article/viewFile/318/394>. Acesso em 1º fev.2010.

ANEXOS

Áries

Daqui para frente a qualidade dos seus dias será diretamente proporcional à capacidade de entrar em sintonia com as opiniões e as necessidades da maioria, de modo a conquistar uma maior integração nos ambientes e círculos com os quais você interage. O isolamento ou a teimosia seria um grande erro.

Touro

Neste momento é preciso colocar o seu tempo a serviço dos interesses e das decisões mais importantes, deixando tudo resolvido quando o Carnaval chegar. Começa agora uma fase de franca ampliação da sua rede de relações.

Gêmeos

Mercúrio, o regente do seu signo, encontra-se em uma posição muito fortalecida e expandirá os seus horizontes, favorecendo inclusive as viagens. Alargue a sua visão de mundo e a sua experiência, preparando-se para conquistar o futuro.

Capricórnio

Começa um período de decisões mais seguras na sua vida, e isto será fundamental para que coloque tudo em ordem nos dias que antecedem o Carnaval. Hoje, você poderá contar com o apoio das pessoas no que precisar.

[1] Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Poslin-Fale-UFMG e bolsista da CAPES (anaclameira@hotmail.com).

[2] Docente da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) no Departamento de Comunicação e Letras e doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Poslin-Fale-UFMG e bolsista da FAPEMIG (arletenepo@gmail.com).

[3] A classificação para os tipos de sujeito segue os estudos de Dias (2002) e será explicada no decorrer do trabalho.

[4] Exemplos nossos.

[5] Conforme ressalta Pereira e Dias (2008, p. 5), é importante mencionar que: “enunciados definidores no formato oração com verbo na forma infinitiva mais oração com verbo copulativo não são um ambiente que determina decisivamente a ocorrência de verbo no estado infinito, pelo menos, favorece em alguns casos”. Assim, nessas estruturas, há uma tendência de o verbo se apresentar no estado de *infinitude*, o que não implica dizer que isso sempre ocorrerá.

[6] Ressaltamos que GN é equivalente à sintagma nominal, corroborando os estudos de Dias (no prelo).

[7] De acordo com Dias (no prelo, p.13-14): “Seria a partir do GN-sujeito que o verbo sai do ‘estado de dicionário’ e se constitui como base de uma predicação. A instalação do predicado e, por conseguinte, de uma unidade mínima da sentença é devido ao GN-sujeito”.

[8] Para um trabalho introdutório como este, explicitaremos, de modo sucinto, os quatro tipos de sujeito.

[9] Todos os exemplos apresentados para explicar os tipos de sujeito foram retirados do *corpus* utilizado para este trabalho. Os textos na íntegra encontram-se nos anexos.

[10] É conveniente assinalar que, nesses casos e nos comentários, que se encontram após a explicação do sujeito do tipo projeção, não citamos trechos do nosso *corpus*. Isso se deve ao fato de querermos ilustrar exatamente o que foi dito na definição de Dias (2002).

[11] Não inserimos o tipo de sujeito perfil na tabela por não encontrarmos nenhuma ocorrência em nosso *corpus*.

Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site.